

Filme-educação: Teoria e aplicação prática em escolas de Campinas-SP

Machado, Pamela de Bortoli; Akhras, Fabio Nauras

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Machado, P. d. B., & Akhras, F. N. (2017). Filme-educação: Teoria e aplicação prática em escolas de Campinas-SP. *Revista Desafios*, 4(2), 54-61. <https://doi.org/10.20873/ufv.2359-3652.2017v4n2p54>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

FILME-EDUCAÇÃO: TEORIA E APLICAÇÃO PRÁTICA EM ESCOLAS DE CAMPINAS-SP

Film-education: Theory and practical application in schools of Campinas-SP

Cine-educación: teoría y aplicación práctica en las escuelas de Campinas-SP



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Pamela de Bortoli Machado^{*1}, Fabio Nauras Akhras²

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

*Correspondência: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Rua Elis Regina, 50 Cidade Universitária – CEP: 13083854 - Campinas, SP - Brasil. e-mail pam.dbmac@gmail.com

Artigo recebido em 23/01/2017 aprovado em 18/04/2017 publicado em 19/04/2017.

RESUMO

O artigo apresenta o chamado Filme-educação que vem com a ideia de "ler" e "escrever" um filme, na medida em que a leitura e escrita são a base de uma compreensão acerca da linguagem cinematográfica. Trata-se de colocar em prática aquilo que foi assimilado e "lido", a partir de uma produção criativa do próprio aluno, numa imersão de conhecimento que não se dá em uma atividade isolada, ou seja, propicia o estímulo de outras habilidades e conceitos a partir da experiência pelo/ a partir/ com/ o filme. Logo, a partir de tais dizeres, ilustraremos os resultados obtidos com a aplicação de uma oficina embasada pelo conceito de Filme-educação, realizada em escolas da rede municipal de Campinas, São Paulo.

Palavras-chave: Cinema. Aprendizagem. Escola.

ABSTRACT

The article presents the Film Education, with the idea of "reading" and "writing" a film, insofar as reading and writing are the basis of an understanding of film language. So, it's putting into practice what has been assimilated and "read", from a creative production of the student himself, in an immersion of knowledge that does not occur in an isolated activity, it stimulates other skills and concepts from experience with / from /the film. Therefore, from these concepts, we will illustrate the results obtained with the application of a workshop based on the concept of Film Education, in schools of Campinas, São Paulo.

Keywords: Cinema. Learning. School.

RESUMEN

El artículo presenta el llamado cine-educación que viene con la idea de "leer" y "escribir" una película, en que la lectura y la escritura son la base de la comprensión del lenguaje cinematográfico. Así, se pone en práctica lo que se ha asimilado a partir del "leer" e de una producción creativa del propio estudiante, una inmersión de conocimientos que no se produce en una actividad aislada, o sea, proporciona el estímulo de otras habilidades y conceptos de la experiencia por / desde / con / la película. Por lo tanto, a partir de tales dichos, exhibimos los resultados obtenidos con la aplicación de una clase con el concepto de cine-educación, cumplida en las escuelas municipales de Campinas, Sao Paulo.

Descriptores: Cine. Aprendizaje. Escuela.

INTRODUÇÃO

Diante de uma televisão cada vez mais tomada por banalidades e leituras superficiais do país

e do mundo, o cinema configura-se como uma alternativa enriquecedora de experiências e ampliadora dos horizontes culturais daqueles que têm a chance de assisti-lo. Nesse sentido, consideramos importante à tomada por novos vieses de práticas educativas, da mesma forma que possamos ter noções sobre as diferentes formas de exploração do cinema. E, assim, a base formada pelo conjunto cinema e sala de aula traduz-se na satisfação de que, por meio dessa interação, existe a possibilidade de ressignificações e amplitude de novos conhecimentos. Para tanto, aplicamos os conceitos de *Film Literacy* como embasamento teórico para a construção de uma oficina que se propõe a interagir com as linguagens de cinema e educação.

TEORIZAÇÃO

Se fôssemos traduzir literalmente o termo *Film Literacy*, teríamos uma “literacia filmica”, podendo ser confundida com um possível letramento. De tal modo que partimos da ideia de estabelecer o filme como construtor de conhecimentos impulsionados pelo lúdico e que norteia a compreensão da linguagem audiovisual, uma vez que a teoria defende a ideia de “leitura” e “escrita” fílmica. A leitura que mencionamos está no ato de “ler” um filme indo além de sua contemplação visual, se destinando a um nível de compreensão consciente, criativo e curioso. Já na parte da “escrita”, trata-se de colocar em prática aquilo que foi assimilado e “lido”, a partir de uma produção criativa do próprio aluno, numa imersão de conhecimento que não se dá em uma atividade isolada, ou seja, propicia o estímulo de outras habilidades e conceitos.

Para tanto, Napolitano (2003), menciona que há possibilidade de o professor incorporar cinema em sala de aula mesmo que não seja especializado nessa área e, visto que a produção é um dos elementos em voga, deve-se “ir muito além do conteúdo pelo filme.

Incorporam-se também seus elementos de *performance*, linguagem e composição cênica”(NAPOLITANO, 2003, p.12).

Entendemos assim que o aluno, ao assimilar a “leitura” da linguagem audiovisual, passa a ser criador de seu próprio modo de “escrever” e, nessa postura, assume a experimentação que se manifesta por meio de suas escolhas estéticas, sobre sua maneira de ver o mundo que o cerca e o seu próprio mundo, comprovando que “o que torna a aprendizagem humana não é a assimilação direta da realidade, mas o contato e a troca com outras consciências e sensibilidades” (CARRANO, 2005, p.156).

Queremos aqui destacar que o filme deve ser explorado em sala de aula, local onde ainda se apresenta certa resistência, devido à crença da visão cinematográfica de entretenimento exclusivamente. De modo que o encontro com o cinema no espaço educativo formal é cada dia mais importante, (ALMEIDA, 2015), também nos baseamos nas ideias de Bergala, quando salienta que “se o encontro da criança com diferentes narrativas fílmicas não ocorrer na escola, pode não acontecer em nenhum outro lugar” (BERGALA, 2008, p.33).

No Reino Unido há um forte campo de estudo na área de Filme-educação, e alguns preceitos serão aqui mencionados como embasamento teórico na definição dessa prática educativa. O projeto *Bradford City of Film* do Reino Unido, por exemplo, tem como base a ideia de que a sociedade tem a responsabilidade de assegurar que as crianças aprendam a ler e escrever:

Em 2013, numa época em que as crianças e jovens recebem grande parte de sua educação, informação e entretenimento por meio de imagens, sugere-se que as crianças e os jovens devem igualmente ser alfabetizados midiaticamente também. O filme-educação permite compreender como o filme e as imagens e textos em movimento fazem sentido, encorajando-os a assistir filmes de diversas

fontes e os inspira a criar filmes por eles mesmos.¹

Assim, com a compreensão inicial a que se destina o que chamamos de Filme-educação, a seguir mencionaremos como seus princípios foram utilizados e mesclados com dispositivos que permeiam a interação fílmica e aprendizagem criativa, em um processo de educar com e sobre o cinema. De tal forma que esses princípios foram a base para a construção de uma metodologia aplicada em uma oficina nas escolas da rede municipal de Campinas-SP.

MATERIAIS E MÉTODOS

A oficina de *Film Literacy* foi aplicada nas escolas CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun na cidade de Campinas, em São Paulo, durante o segundo semestre de 2016. Tal foi uma proposta da prefeitura municipal em parceria com a Faculdade de Educação da Unicamp e o Grupo Olho, grupo de pesquisa em cinema e educação da Unicamp.

Partimos inicialmente da ideia de que não haveria um discurso de quem sabe para quem não sabe. A intencionalidade na produção era justamente a ausência de uma hierarquia de saberes, uma vez que o empoderamento viria a partir do sensível e de suas infinitas possibilidades. Assim, a metodologia aplicada foi pensada para que não houvesse escolarização do filme, ou seja, não haveria uma fala inicial do que deveria ser visto na imagem. Entretanto, frisamos que a linguagem audiovisual sempre esteve presente, de modo que o dispositivo a faria ser efetivada, e não o contrário: “porque se

existe a regra, existe a exceção. Existe a cultura, que é de regra, e existe a exceção, que é a arte.” (BERGALA, 2008, p.30) Com essas palavras de Bergala, explicita-se a ideia de que, embora houvesse um norteamento por parte de estabelecer uma temática vinculada à linguagem audiovisual, não houve a ideia de que os filmes produzidos deveriam copiar, reproduzir ou seguir as mesmas regras estabelecidas pela imagética. A riqueza aqui se encontra na diversidade de significados partidos do mesmo filme, diversos olhares e construções de diversos mundos a partir de um dispositivo que é definido “por sua condição de novidade e criatividade” (DELEUZE, 1999, p. 159), por sua capacidade de transformar-se, de romper os próprios limites.

Tal dispositivo foi estabelecido a partir de fragmentos de curtas brasileiros, aliando-se aos preceitos de Bergala com a valorização da produção nacional. Para tal, foi feito uso de curtas postados no *youtube*, que, embora sejam de cunho independente e de baixa produção, optamos por sua dinamização no uso das novas tecnologias, além do fato de nenhum ultrapassar 10 minutos. A ideia foi a possibilidade de o curta ser visto inteiramente em sala de aula, e aí a ênfase em sua curta duração, para que o aluno visse o trecho que viesse a lhe “despertar” o olhar e o sensível e, em uma segunda leitura do filme, com o curta inteiro apresentado, houvesse uma ressignificação do primeiro olhar com o próprio filme e a experiência individual. Nessa perspectiva, concordamos com Bergala (2008), quando pretendemos deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, que estabeleça uma relação entre espectador e autor dos filmes, e que o leve a acompanhar, em sua imaginação, as emoções de todo o processo criativo:

Um plano bem escolhido pode ser suficiente para testemunhar simultaneamente a arte de um

¹In 2013, in an age when children and young people receive much of their education, information and entertainment via moving images it is suggested that children and young people should similarly be enabled to be media literate too. Film literacy enables them to understand how the film and moving image texts that they consume make meaning, encourages them to watch films from a variety of sources and inspires them to create films of their own. Tradução nossa.

cineasta e um momento da história do cinema, na medida em que implica ao mesmo tempo um estado da linguagem, uma estética (necessariamente inscrita numa época), mas também um estilo, a marca singular de seu autor. (BERGALA, 2008, p. 125)

Logo, Bergala defende uma abordagem do cinema a partir do plano, considerado a menor célula viva, animada, dotada de temporalidade, de devir, de ritmo, com certa autonomia relativa, constitutiva do grande corpo-cinema. De tal forma que a ideia de apresentarmos fragmentos de filmes não vem com o propósito de desenvolver o “espírito crítico”, mas sim despertar o olhar para aquilo que chamamos de sensível, particular de cada ser e que se manifesta a partir de sua experiência individual. E, mensurado a esses dois pilares, de dispositivo e curta-metragem brasileiro, vinculamos os conceitos e dizeres do *Film Literacy*.

Dessa forma, a experiência a partir do dispositivo gerado pelo fragmento se configura como a própria criação de ir ao encontro daquilo que não se conhece. E, nessa manifestação artística se dá a produção de imagens, “escritas” únicas, que nada mais são do que a exaltação de diferentes formas de ver o fragmento.

Assim, a metodologia foi estabelecida da seguinte forma:

Aula 1: Como o filme se constitui

Proposta: Noções básicas de uma narrativa: tomada, plano e cena.

Atividade com filmes: Veremos os primeiros 15 segundos do curta-metragem “Suspiros e café”, de Gabriel Dib e Diogo Sinhoroto.

Discussão: Os planos serão contados juntamente com os alunos e, se caso um plano seja significativo, criar uma edição de intervalo para que se possa nomear o que esse plano apresenta e pensar o que cada sequência possui substancialmente em seu “mundo”.

Atividade prática: Em grupo ou individual, fazer um filme de 1 minuto no máximo, com planos de 5 segundos, resultando em um total de 12 planos, remetendo a um cenário – um dispositivo que atualiza a mise-en-scène moderna.

Releitura: Após a discussão, mostraremos o filme inteiro (8:00), com a ideia de ver como os diferentes planos se encaixam na montagem e geram a sequência no filme.

Disponível:http://www.youtube.com/watch?v=o6_slhra-U

Aula 2: Trilha sonora

Proposta: Evidenciar como os sons influenciam na criação de humor, atmosfera e sentido no filme.

Atividade com filmes: Veremos o trecho do curta-metragem “A Galinha ou Eu”, de Denízia Moresqui, entre 4:20 e 4:42. Aqui haverá uma edição por parte do oficinairo, em que o mesmo colocará outros tipos de trilhas musicais para o mesmo trecho de confronto, fazendo variar a cena com diferentes trilhas sonoras, atualizando a permeabilidade da mise-en-scène moderna.

Discussão: questionar como a música gerou diferentes significados para a mesma imagem – que mundo são atualizados com cada trilha sonora?

Atividade prática: Em grupo ou individual, realizar uma filmagem e fazer uso de diferentes sons para a mesma filmagem; esses sons poderão ser pré-disponibilizados como um banco de sons a fim de evitar pós produção, ou fazer uma cena sem qualquer tipo de som. Cinema mudo. Assim, usaremos inicialmente o mesmo dispositivo da oficina 1, mas em um segundo momento acrescentaríamos a variação da trilha sonora.

Releitura: Após a atividade, veremos o filme inteiro (10:00) e como a música contribuiu para o contexto e gênero do curta.

Disponível:<http://www.youtube.com/watch?v=YG6Qmh9jRA0>

Aula 3: Cinematografia – Usando a câmera de diferentes formas

Proposta: Evidenciar os diferentes tipos de tomadas e os efeitos na narrativa fílmica.

Atividade com filmes: Veremos o trecho de 0:25 a 1:24 do curta-metragem *Solidão*, de Wallace Siqueira.

Discussão: Como a câmera atuou sobre a matéria – personagens – lugar.

Atividade prática: Realizar dentro de um mesmo espaço um close-up e uma tomada longa, escolher um personagem ou paisagem para a realização de um zoom e distanciamento; escolher um personagem ou paisagem para uso de diferentes ângulos da câmera: frente, lado, trás, por baixo, etc. Dispositivo: fazer a câmera atuar de diversas formas na decomposição de um compor, sem movimento de câmera.

Releitura: Após a atividade, veremos o curta inteiro (5:20), observando como o uso dessas diferentes tomadas influenciaram na temática do filme.

Disponível:<http://www.youtube.com/watch?v=OOOp0QFAnTS4>

Aula 4: Cinematografia – A Luz

Proposta: Evidenciar um pouco sobre a luz do filme e como isso influencia na atmosfera que se deseja transmitir ao espectador.

Atividade com filmes: Veremos os primeiros 3 minutos do curta-metragem *“Contágio”*, de Rafael Nani.

Discussão: questionar sobre o que está sendo visto, e como o olho da câmera distancia o olhar à fabricação de um olho, que neste caso está sendo agenciado por uma fonte de luz. Aqui, a imagem é formada devido ao dispositivo luminoso que obriga a câmera a ver com cone.

Atividade prática: Em grupo ou individual, realizar diferentes filmagens com tipos de iluminação.

Releitura: Veremos o curta-metragem inteiro (7:54) e como a escolha de luminosidade influenciou para a atmosfera e clima do filme.

Disponível:http://www.youtube.com/watch?v=__H1RIAERcA

Aula 5: Elementos de um filme de ficção – O Protagonista

Proposta: Evidenciar como o protagonista é o elemento central para a história do filme – como suas características se envolvem com a narrativa, gerando um contexto.

Atividade com filmes: Veremos o trecho de 0:30 a 3:33 do curta-metragem *“Ninguém”*, de Jefferson Ferraz.

Discussão: questionar as características do personagem e como sua postura se relaciona com a narrativa, qual o propósito na atuação do protagonista.

Atividade prática: Criar uma situação e, a partir desta, fazer com que haja a criação de um personagem.

Releitura: Veremos todo o curta-metragem (8:00) e como a atuação do personagem está intrínseca à temática e mensagem que o filme transmite.

Disponível:<http://www.youtube.com/watch?v=IZPFZSADae4>

Aula 6: Elementos de um filme de ficção – Gêneros

Proposta: Encontrar o tema para qualquer projeto de filme é crucial para a construção da narrativa. A escolha do gênero é importante para que a partir disso se escolha o ambiente, as luzes, posicionamento da câmera, etc.

Atividade com filmes: Rever 30 segundos de cada trecho que foram apresentados desde a aula 1 até a 5, já que cada um deles se refere a um gênero diferente.

Atividade prática: Criar uma situação que possa se caracterizar com um gênero específico, baseado no que já fora visto desde a aula 1 até a 5, fazendo uso

dos elementos do ambiente e de personagens que o grupo criar.

Releitura: Veremos um trecho de cada filme criado pelo grupo, em que eles posicionem quais foram as escolhas feitas para caracterizar o gênero.

Aula 7: Elementos de um filme documentário

Proposta: Evidenciar como o filme documentário é relevante enquanto papel informativo e criador de um contexto social e quais suas principais diferenças em relação ao filme de ficção.

Atividade com filmes: Veremos o trecho de 0:50 a 2:12 do curta-documentário “Desaparecidos”, de Marco Amaral.

Discussão: questionar o que o trecho possui de diferente em relação ao que foi visto até agora e como isso interfere ao que o filme quer transmitir.

Atividade prática: Criar uma situação que se remeta ao modelo de um documentário, criando uma narrativa em voz off ou uso de entrevistas, com a mesma ideia da oficina 5, em que o personagem é construído a partir de uma determinada situação.

Releitura: Veremos todo o curta-metragem (5:46), ilustrando como toda a montagem do documentário se difere ao gênero ficção e quais as principais características que se relacionam com o propósito do filme.

Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=Q3hzQPBLJR>

Aula 8: Conclusão e uma resignificação do olhar

Proposta: Assistir todos os trabalhos desde a oficina 1 até a 7, valorizando a releitura da atividade individual. A partir do momento em que o aluno se distancia da atividade e se propõe a uma releitura de seu próprio trabalho, há a formação de uma nova experiência com aquilo que se tinha por conhecimento no momento em que foi feito e a

reconstrução do que fora criado com o desenrolar das oficinas posterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebemos que a experiência se difere ao favorecer a construção de imaginários, a manifestar aquilo que se compreendeu com a “leitura” do filme e como o ser, em sua essência, realiza sua própria “escrita”. O aluno assimila a linguagem a partir da experiência, sem que um seja anulado a outro. Há uma complementação e interação entre ambos, de modo em que há assimilação da linguagem a partir da própria vivência proporcionada pelo dispositivo, em que as regras do dispositivo são colocadas sob a base da linguagem. Essa interação e complementação de leitura e escrita, preceitos do que defendemos como a conexão entre a teoria do *Film Literacy* e o dispositivo, fez a diferença ao tomar o fragmento como viés de intervenção, de comunicação e criatividade, e acima de tudo, como uma mediação para manifestação do sensível.

Seguindo a metodologia proposta, também se destacou a questão de não haver “didatismo”, ou seja, apontar na imagem o que o autor quis “mesmo” dizer; ou entender o que aquela imagem “representa” ou quer “representar”. Não há uma resposta correta, já que não são feitas perguntas ou ensinamentos direcionados. Trata-se apenas de apresentar fragmentos de filmes e, tomando as palavras de Foucault (1998, p.65), “por mais que se tente dizer o que se vê, o que se vê jamais reside no que se diz”, ou seja, há infinitas possibilidades de olhar para além das imagens, e mesmo que haja o embasamento da linguagem e de suas diferentes vertentes como luz e posições de câmera, ao lidarmos com diferentes personas e sensíveis, essas possibilidades se tornam livres para serem demonstradas a partir das experiências individuais, aqui colocadas como indo

além de um registro escolar e se aproximando de uma estética cinematográfica:

Pelas palavras da Orientadora Pedagógica do CEI Regente Feijó, Marta de Almeida Oliveira, “alguns filmes foram o registro de uma atividade, o que chamo de documentação pedagógica. Já outros tinham uma estética cinematográfica: provocaram sensações, nos levaram pra um lugar além da escola ou apresentavam a escola de uma forma mais poética.”²

Logo, com a oficina finalizada ao longo do segundo semestre de 2016, alguns acontecimentos foram denotados, tais como:

- Participação de 18 professoras envolvendo as duas escolas;
- Produção de 52 filmes, sendo 26 filmes inscritos na II Mostra Kino de Campinas;
- Todas as professoras se inscreveram na II Mostra Kino de Campinas;
- Foi criado um canal no youtube com as produções das professoras: https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4n_HGEH4fDvK3A.

CONCLUSÃO

A partir da oficina realizada e do envolvimento das professoras, as escolas viram a necessidade da criação de um cineclube com a exibição tanto de filmes criados pelas professoras durante as aulas da oficina, quanto os produzidos fora da oficina e com a participação de seus alunos. Além disso, com a criação de um cineclube, há uma intencionalidade de exibição de filmes fora do chamado “cinema comercial”, de maneira que isso ative o processo criativo dos alunos da educação infantil.

² Entrevista concedida via e-mail.

Com isso, percebemos que há a possibilidade de construir e aplicar uma metodologia a partir dos conceitos do *Film Literacy* juntamente com o viés da experimentação, em que o dispositivo se alia a conceitos da linguagem cinematográfica. Há uma complementação e interação entre ambos, de modo em que há assimilação da linguagem a partir da própria vivência proporcionada pelo dispositivo. Logo, as regras do dispositivo tem por base a linguagem cinematográfica, uma vez que a experiência individual e estímulo do sensível efetiva a compreensão da linguagem, e não o contrário.

Portanto, concluímos que com os pilares de: dispositivo, fragmento de curta-metragem brasileiro, *Film Literacy* e experiência, houve a possibilidade de gerar outras formas de cinema a partir da escola, potencializando o cinema enquanto relação e o expandindo em seu significado. Vislumbramos um cinema construído pela escola, inventado pelas professoras e por seus alunos que deu origem a um Cineclube a partir de suas próprias produções. A escola se tornou outra coisa, reinventou o cinema a partir dela mesma, criou novos mundos, imagens e olhares. Isso porque a imagem não se ilustrou àquilo que se corresponde, possibilitando a abertura de sentidos que não se findam em si, não representou algo por não pretender definir algo e não se fechou naquilo que se contempla: “as práticas artísticas não constituem “uma exceção” às outras práticas. Elas representam e reconfiguram as partilhas dessas atividades.” (RANCIÈRE, 2005, p.69).

AGRADECIMENTO

Ao Grupo Olho da Faculdade de Educação-UNICAMP pela oportunidade de construir e aplicar a oficina, e à Marta de Almeida Oliveira, Coordenadora Pedagógica da CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun, pelo acolhimento e disponibilidade de espaço nas escolas.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. “Prática educomunicativa como o cinema nas Licenciaturas.” **Revista Comunicação & Educação**, v.20, n.2, 2015.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Trad. Mônica Costa Netto; Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/Uerj, 2008.

_____, A. “Para as crianças, o cinema é uma possibilidade de experimentar a vida.” **Revista NOVA ESCOLA**, ed.255, set. 2012. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/entrevista-alain-bergala-cinema-franca-filmes-704656.shtml> Acesso em 03/12/2016.

BRADFORD CITY OF FILM, a Unesco creative city. “**Film Literacy**”. Disponível em: <http://bradford-city-of-film.com/learn/film-literacy/> Acesso em 03/12/2016.

CARRANO, P. Identidades juvenis e escola. In: UNESCO. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO/MEC; RAAAB, 2005. p. 153-163.

DELEUZE, G. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert ; DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault**, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Edições 70, 1998.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e Política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org./Editora 34, 2005.